

O NORTE

de

DISTRITO



QUINZENÁRIO de FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Avença

Órgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

25 de Dezembro de 1956

Proprietário: *Dr. Ernesto Lacerda*

Director e Editor: *Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado*

Chefe da Redacção: *Prof. A. Paula Santos*

ANO IV

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRÓ DOS VINHOS - TELEFONE 7

N.º 96

Jornada inesquecível para o Concelho

As inaugurações dos edifícios do Hospital e Escola Secundária Municipal e do busto de Malhoa

Figueiró dos Vinhos viveu no dia 16 p. p. uma jornada festiva que há-de ficar gravada na memória dos Figueiroenses por muitos e muitos anos. Embora contássemos com o tradicional bairrismo da população e o interesse e entusiasmo dos concelhos vizinhos, a verdade é que a nossa expectativa foi amplamente excedida!

Logo de manhã cedo, a vila apresentou-se com uma fisionomia diferente dos outros dias. A chegada das Filarmónicas da Comarca, primeiro a de Pedrógão Grande e logo depois a de Castanheira de Pera, o estralejar dos foguetes e morteiros, os acordos das bandas que percorreram a vila de lés a lés, as janelas e sacadas dos prédios ornamentadas com vistosas e ricas colchas



Dr. Ernesto Lacerda

e colgaduras, tudo aliado ao movimento intenso de automóveis e camionetas que, momento a momento, vinham engrossar a massa enorme da população que aguardava a vinda dos ilustres Membros do Governo, deram ao ambiente uma tonalidade de festa como, estamos certos, Figueiró não tivera nunca.

As individualidades mais marcantes do concelho, os Srs. Presidente e Vice-Presidente da Câmara e Vereadores, Provedor da Misericórdia e restantes elementos da Mesa da Santa Casa, o Pároco da Freguesia e os Párcos das freguesias de Aguda, Arega e Campelo, os Professores primários do concelho e as crianças das escolas da sede, o Director, Professores e alunos da Escola Secundária, as Direcções de todos os Organismos Corporativos locais, os Presidentes das Juntas de Freguesia e os Regedores, Advogados, Médicos e centenas de pessoas de todas as condições sociais, não só da vila, como de todo o concelho, con-

centram-se na estrada de Pombal, junto às casas dos Magistrados, ali aguardando os convidados.

Sucessivamente, foram chegando os Presidentes das Câmaras e das Comissões Concelhias da União Nacional do Distrito, o Sr. Governador Civil, o Presidente da Comissão Distrital da União Nacional, Sr. Coronel Pascoal, os Srs. Eng.ºs Fráguas e Chaby, da Comissão de Construções Hospitalares, Eduardo Monteiro e Monteiro de Barros, Directores dos Serviços de Estradas e de Urbanização do Distrito, e Mendes Godinho da Hidro-Eléctrica do Zêzere; Cónego Abílio Costa, representante de Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo-Bispo-Conde de Coimbra, o Comandante da P. S. P. e o Sr. Tenente Pinheiro, Comandante da Secção de Pombal da G. N. R., em representação do Comandante Distrital, Prof. Doutor Bissaya Barreto, Presidente da Junta de Província da Beira Litoral, o Deputado Dr. Manuel de Magalhães Pessoa, Juiz Desembargador, Sr. Dr. José Maria Bravo Serra, Director Escolar de Leiria, Padre José Ferreira de Lacerda, Director de «O Mensageiro» de Leiria, Dr. António Alberto Monteiro, Delegado do I. N. T. P., etc..

Cerca do meio-dia, chegaram os Subsecretários da Educação e Assistência, Srs. Drs. Baltasar Rebelo de Sousa e José Guilherme de Melo e Castro, que foram cumprimentados por todas as entidades e individualidades presentes, depois da Filarmónica Figueiroense ter executado o hino da «Maria da Fonte» e enquanto os foguetes anunciavam a toda a vila a estadia de tão ilustres visitantes em Figueiró.

Duas crianças das escolas da vila, acompanhadas do Prof. Virgílio Costa, Delegado Escolar, ofereceram um lindo ramo de flores naturais a sua Ex.ª o Sr. Subsecretário da Educação que lhes agradeceu muito sensibilizado, beijando-as.

Os dois Membros do Governo, ladeados pelos Srs. Governador Civil, Presidente da Câmara, Prof. Doutor Bissaya Barreto e Deputado Dr. Ernesto Lacerda, logo seguidos pelas autoridades e individualidades de maior destaque e muito povo, dirigiram-se, então, em extenso cortejo, através da rua principal, para a Praça José Malhoa, onde estava postada a guarda-de-honra, constituída por uma formação da M. P., encontrando-se o vasto largo completamente cheio de povo. O Sr. Subsecretário da Educação que é também, desde há dias, o Comissário Nacional da M. P.,

correspondeu à «continência» dos filiados, descobrindo-se e apertando a mão ao Comandante, Jorge Sousa Rocha.

Parte do grande cortejo deu entrada no edifício dos Paços do Concelho, em cujo salão nobre se realizou a sessão de boas vindas. O maior número, porém, dos acompanhantes ficou na Praça Malhoa, onde, por intermédio de altofalantes, seguiu, atentamente, o que se passou na sessão solene.

A mesa de honra foi presidida pelo Sr. Subsecretário da Assistência que dava a direita ao seu colega da Educação, Governador Civil e Presidente da Comissão Distrital da União Nacional, e a esquerda ao Sr. Presidente da Câmara, Prof. Doutor Bissaya, e depretados Drs. Magalhães Pessoa e Ernesto Lacerda, tomando lugar em cadeirão especial o representante do Sr. Arcebispo de Coimbra.

O Sr. Presidente da Câmara, depois de ter apresentado as suas saudações e as do concelho aos ilustres Membros do Governo e a todas as restantes individualidades que honraram Figueiró com a sua presença, disse, dirigindo-se aos Srs. Subsecretários de Estado:

«A vossa solícita presença é testemunho inequívoco de quanto o Governo compreende, acarinha e anima os problemas locais, contribuindo, decisivamente, para a sua solução.

Figueiró dos Vinhos muito deve já ao Estado Novo em melhoramentos que



Dr. Joaquim Alves Morgado

têm contribuído para a sua valorização e o seu progresso e, tendo hoje a honra de receber dois dos mais ilustres Membros do Governo, os Figueiroenses não esquecem essa dívida e não esquecem, também, que a VV. Ex.ªs se deve, em grande parte, a realização das obras que vão ser inauguradas e marcam uma era de renovação e engrandecimento da nossa terra e do nosso concelho.

Quer o novo edifício hospitalar da Santa Casa da Misericórdia, quer o edifício da Escola Secundária Municipal obtiveram a valiosa participação do Estado, através dos respectivos departamentos.



A chegada dos ilustres Membros do Governo

O novo Hospital, bela e ampla construção urbana dotada com um equipamento completo e moderno, só foi possível porque a Santa Casa da Misericórdia encontrou no Ministério das Obras Públicas e do Interior a melhor compreensão e apoio.

Não é obra municipal, mas nós sabemos quanto o actual Provedor se sente reconhecido pela boa vontade e auxílio que sempre encontrou naqueles Ministérios, para que esta obra se transformasse na formosa realidade que hoje é.

Quanto à Escola Secundária Municipal, ninguém melhor do que nós sabe avaliar com justiça a importância do auxílio do Estado para a sua realização. Esta Escola é um estabelecimento de ensino que há já muitos anos vem prestando relevantes serviços, não só ao concelho, mas a toda esta região do norte do nosso distrito, e encontrava-se instalada em edifício impróprio, carecendo das necessárias condições higiénicas e pedagógicas, sobre ele recaíndo, até, o justificado receio de encerramento por imposição da Inspeção Superior do Ensino Particular.

Perante esta situação, a Câmara Municipal expôs ao Sr. Ministro das Obras Públicas no sentido de lhe ser concedida uma dotação para a construção dum edifício próprio, exposição que eu tive o ensejo de pessoalmente advogar perante o Sr. Eng.º Frederico Ulrich, então o titular da respectiva pasta.

Sua Ex.ª recebeu e apoiou decididamente a nossa justa pretensão, e a tal ponto que, para abreviar tempo, foi encarregado um técnico do seu Ministério de elaborar o respectivo projecto.

Também o Sr. Subsecretário daquela pasta deu a esta obra o melhor do seu apoio e do seu interesse, acompanhando-a, amparando-a e concedendo uma participação para a aquisição do respectivo mobiliário.

Foi, portanto, graças à colaboração do

Estado que o nosso Município pôde realizar esta obra que, pelo seu avultado custo, em desproporção com a modéstia das receitas municipais, representou um encargo que ainda está pesando na situação financeira da nossa Câmara.

A obra, incluindo o arruamento que lhe dá acesso, importou em cerca de 1400 contos e a contribuição do Município é representada por um montante superior a 800 contos, ou seja um quantitativo superior à própria receita ordinária municipal.

Além disso, a Escola Secundária foi construída e ocupou uma extensa área de terreno público destinada à venda para edificações particulares com que seria obtida receita que, assim, deixou de ser cobrada.

Daqui, as dificuldades criadas ao orçamento municipal e que levaram já a Câmara a pedir um novo subsídio, como comparticipação do Governo no valor do terreno ocupado.

Srs. Subsecretários: As câmaras municipais não podem fazer milagres. Confinadas à estreiteza dos seus orçamentos, mandam elaborar os projectos de obras e melhoramentos públicos que são indispensáveis ao progresso dos concelhos que representam e à satisfação das legítimas e, tantas vezes, prementes reclamações dos povos, solicitam a aprovação desses projectos e a consequente dotação pelos respectivos Fundos do Estado.

O Governo tem compreendido, acarinha e dá decidida colaboração e apoio às iniciativas das autarquias locais, e de tal forma o faz que, às vezes, a maior dificuldade não consiste em obter subsídios para os melhoramentos públicos, consiste, antes, em encontrar nas receitas municipais as verbas necessárias para fazer face a essas dotações.»

(Continua na 4.ª página)

Boas Festas e Ano Novo muito feliz

desaja

“O NORTE DO DISTRITO”

a todos os seus estimados assinantes, anunciantes, colaboradores, amigos e colegas.

Castanheira de Pêra

Novos Corpos Gerentes do Clube Castanhelense

Por unanimidade, foram eleitos os Corpos Gerentes desta colectividade para o ano próximo, para o que a Assembleia-Geral reuniu no dia 9 do corrente.

A *Assembleia-Geral* passa a ficar constituída pelos Srs.: Dr. Marcolino da Silva, *Presidente*; Fausto Bebiano Ceppas, *Vice-Presidente*; Rev. Padre Arménio Marques, *Secretário*, e José Francisco Dinis, *Vice-Secretário*.

Para a *Direcção* foram escolhidos os Srs. Eng.º Virgílio Tomás Henriques, Dr. António Bebiano Carreira, Artur Coelho Antunes (sobrinho) e Cursino Henriques Coutinho, como *efectivos*. Para *substitutos* os Srs. Manuel Alves Ceppas, Dr. Ernesto Marreca David, Domingos Alves Bebiano e Roberto Fernandes de Carvalho.

Os Srs. José Correia de Carvalho, Mário Nabais e Eduardo Silva foram eleitos para a *Comissão Fiscal*.

Minerva Central

Uma Tipografia moderna para bem servir V. Ex.ª. Modicidade de preços.

Rumores... de Campelo

Divisão do talhão, cujo número 1 começa ao VALE SALGUEIRO e termina ao cimo dos SEIXINHOS. Este talhão foi dividido em «sortes» com a superfície de 1.700 metros quadrados cada uma.

Chefes de família N.º de ordem	N.º da «sorte» que a cada um coube «no sorteio»
1 — Albino Pereira	37
2 — Basílio Rodrigues Neto	42
3 — Raul da Silva e seus cunhados Artur e Armando	39
4 — Benjamim Antunes	24
5 — Carolina Branco	20
6 — João dos Reis Matos	32
7 — Maria Carolina Pereira	35
8 — Emídio dos Santos Matos	6
9 — João dos Reis Morais	17
10 — Manuel Lopes	30
11 — Vitorino Carvalho	3
12 — Manuel Joaquim Martinho	44
13 — Maria das Dores Reis	8
14 — Daniel dos Reis Patrício	22
15 — Maria Liberata Rosa	33
16 — Manuel Domingos Rosa	28
17 — Joaquina Maria da Eira	18
18 — César Simões Cascas	10
19 — Cecília Maria Rosa	2
20 — Maria das Dores	13
21 — Anibal dos Reis Morais	26
22 — Marcelino Simões Pereira	25
23 — Maria da Conceição Coimbra	5
24 — Sebastião de Campos	15
25 — João Francisco Loja	16
26 — Joaquim Simões	19
27 — Manuel Simões Pereira	40
28 — Bebiana e sua irmã Arminda	21
29 — Joaquina da Nazaré	4
30 — Joaquina dos Santos Martins	27
31 — Adelino dos Santos	1
32 — Sérvolo Simões Pereira	38
33 — Engrácia Pereira	11
34 — Maria da Conceição Ramalha	34
35 — Manuel Simões	7
36 — Manuel dos Santos Matos	36
37 — José Simões Segundo	43
38 — Liberata Maria Varandas	9
39 — Manuel Francisco Loja	29
40 — Maria da Conceição (viúva)	23
41 — Patrícia Maria Simões	41
42 — Maria José Varandas (viúva)	12
43 — Celestino S. Arinto e sua irmã Benvida	14
44 — Aida Pereira	31

(Continua)

JOSEL CAMPO DE MATOS

UMA VEZ POR OUTRA...

Um erro, a que a generalização concede foros de acerto

Nos jornais, nos programas de espectáculos, etc., todos os dias se nos depara o mesmo erro da escrita das horas, sem que, até hoje, tenha conhecimento dalgum que se insurgisse contra um erro tão generalizado.

Quando há que estipular as vinte horas e meia, por exemplo, lê-se: 21,30 horas. Se um determinado acontecimento se deu pelas seis horas e quinze minutos, escreve-se 6,15 horas. Para assinalar as oito horas e vinte minutos usa-se a escrita 8,20 horas. E assim sucessivamente.

E' do conhecimento geral que a hora se divide em sessenta minutos. Logo, aquelas três representações decimais acima indicadas referir-se-ão a: vinte e uma horas e três décimas, seis horas e quinze centésimas, e oito horas e duas décimas, respectivamente, ou seja às vinte e uma horas e dezoito minutos, seis horas e nove minutos, e oito horas e doze minutos, respectivamente, também.

Por que não empregar 21,5 horas ou 21^h 30^m, no primeiro caso, 6,25 horas ou, de preferência, 6^h 15^m, no segundo, e, finalmente, 8^h 20^m no último exemplo dos apontados?

Por que não banir, duma vez para sempre, semelhante escrita que todos nós (suponho) consideramos errônea?

P. S.

«O NORTE DO DISTRITO» — N.º 96

Prognósticos de futebol da 1.ª divisão

16.ª jornada

..... Académica — Porto
..... Barreirense — Caldas
..... Benfica — Covilhã
..... Oriental — Atlético
..... Setúbal — Belenenses
..... Sporting — Lusitano
..... Torreense — C. U. F.

Concorrente:

Morada:

Localidade:

AGRADECIMENTO

A família de Donatila da Conceição Quaresma vem, por este meio, agradecer, muito reconhecidamente, às pessoas que se dignaram apresentar-lhe condolências, bem como a todas as que se incorporaram no funeral da saudosa extinta.

Casa S.º António



Antiga mercearia Mesquita

Rua Quaresma Val do Rio

TELEFONE 62

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Casa de Pedrógão Grande

Resumo dos assuntos tratados na reunião da Comissão Executiva, em 12 do corrente

Foram aprovados novos sócios, depois de apreciadas as respectivas propostas, os seguintes srs.: Fernando Augusto de Almeida, Albano Tomaz dos Anjos e Carlos Alberto Carvalho dos Anjos, com os números setecentos e doze a setecentos e catorze, respectivamente.

— Foi aprovado, por unanimidade, um voto de louvor ao prezado consócio Sr. Angelo Pereira, pelo favor prestado à colectividade com o empréstimo de talheres e mesas para o almoço de confraternização do vigésimo terceiro aniversário, efectuado no passado dia 2 do corrente na Sede.

— Foi deliberado enviar um officio à Foto Portugal, agradecendo a gentil oferta dalgumas fotografias do almoço de confraternização.

— Foi deliberado enviar telegramas para o Ex.º Sr. Doutor Oliveira Salazar, digníssimo Presidente do Conselho, e Ex.º Sr. Ministro da Economia, do seguinte teor: «A colónia do Concelho de Pedrógão Grande, ao comemorar o seu vigésimo terceiro aniversário, saúda V. Ex.ª e solicita que as aldeias do seu Concelho, onde estão instaladas as Barragens do Cabril e Bouça, sejam iluminadas com a energia produzida nas mesmas».

— Foi enviado um telegrama ao Sr. Dr. António Montarrio Farinha, digníssimo Presidente da Câmara Municipal de Pedrógão Grande, a dar conhecimento dos telegramas enviados para os Ex.ºs Srs. Presidente do Conselho e Ministro da Economia.

— Foi enviado o seguinte telegrama para o Ex.º Sr. Professor Doutor Bissaya Barreto: «A Casa de Pedrógão Grande em Lisboa, ao comemorar o seu vigésimo terceiro aniversário, saúda V. Ex.ª como um dos maiores que nasceram em Pedrógão Grande, isto é no nosso querido torrão. Com o desejo das felicidades a que V. Ex.ª tem jus».

— Foi apreciada a distribuição do bodo que a colectividade levou a efeito no passado dia 8 do corrente, no Recreio Pedroguense, aos pobres do Concelho, em número de cinquenta e três, os quais foram contemplados com agasalhos e géneros alimentícios no valor aproximado de oito mil escudos.

Compareceram a esta distribuição numerosos conterrâneos. Entre vários convidados, esteve presente o Rev. Padre José Ferreira, honrando a colectividade com a presidência que deu ao acto.

CAMPPELO

Aniversário natalício

Completo 55 anos de idade no dia 23 de Novembro último, o nosso muito prezado amigo e zeloso Presidente da Junta de Freguesia, Sr. João Morais-Rosa.

Natural do lugar da Ribeira Velha, tem sido um grande benemerito, não só do torrão que o viu nascer, mas também de quase toda a freguesia. E no desempenho da sua difícil função de Presidente da Junta de Freguesia de Campelo tem sido incansável na defesa dos interesses da população, não se poupando a sacrificios de toda a ordem, nem a gastos que a sua bolsa vai suportando, animado, sempre e acima de tudo, em ser útil aos Campelenses.

Não podíamos, por isso, deixar de lhe expressar todo o grande reconhecimento da população da freguesia, dirigindo-lhe calorosas e sinceras felicitações e augurando-lhe longa vida e as maiores felicidades, votos estes extensivos a sua Esposa e a mais família.

A sua permanência naquele cargo salvaguardará os interesses dos seus conterrâneos que esperam ver satisfeitas as justas pretensões dos vários lugares, uma vez que a sua acção diligente e proficua constitui penhor bastante para a realização dos melhoramentos desejados.

Adelino Oliveira Canário

De visita a seus pais e filhinhos, encontra-se entre nós, desde há dias, o nosso estimado amigo e conterrâneo, Sr. Adelino de Oliveira Canário, considerado funcionário dos Caminhos de Ferro da Beira-Moçambique, que chegou a Lisboa no dia 9 do corrente num avião dos T. A. P. das carreiras de África.

Demora-se alguns meses em gozo de férias, que desejamos muito felizes.

«O NORTE DO DISTRITO» — N.º 96

Prognósticos de futebol da 1.ª divisão

17.ª jornada

..... Atlético — Setúbal
..... Belenenses — Barreirense
..... Caldas — Torreense
..... C. U. F. — Académica
..... Covilhã — Sporting
..... Lusitano — Oriental
..... Porto — Benfica

Concorrente:

Morada:

Localidade:

José da Silva Graça

Em todo o norte do Distrito, o falecimento do nosso estimado amigo, Sr. José Joaquim da Silva Graça, importante e muito considerado proprietário no lugar de Altardo, do vizinho concelho de Pedrógão Grande, causou grande consternação.

O saudoso extinto, apesar da avançada idade de 88 anos, mantinha uma vivacidade de espirito que a todos surpreendia, sendo sempre escutado com o maior interesse e procurado, até, quando havia necessidade de conselhos, pois, além de ser pessoa com larga experiência da vida e amplo conhecimento dos homens, possuía uma cultura que o impunha no meio e era esmolero como poucos.

Faleceu no dia 7 do corrente, vitimado por uma congestão cerebral, deixando viúva a Sr.ª D. Efigénia da Silva Graça, a quem apresentamos sentidíssimos pésames, bem como a seus sobrinhos, Sr. Adrião Lopes Graça e sua esposa, Sr.ª D. Vitória da Silva Lopes Graça.

Joaquina Martins

No dia 11, no lugar das Bairradas, desta freguesia, faleceu a Sr.ª Joaquina Martins que contava 67 anos.

Era irmã da Sr.ª Florência Martins e do Sr. Alberto Dias, residentes naquele lugar, e tia da Sr.ª D. Helena da Silva Martins, esposa do nosso estimado amigo, Sr. José Coucelo de Castro, residente na Amadora, do Sr. Aires Martins da Silva, morador nas-Bairradas, do nosso amigo, Sr. Turbilio Martins da Silva, e da Sr.ª D. Julieta Martins da Silva Abreu, residentes em Moçambique, e do nosso estimado amigo e conterrâneo, Sr. António da Conceição Teixeira, considerado funcionário camarário.

A extinta era pessoa que gozava gerais simpatias no meio, mercê das suas qualidades de coração e carácter. O funeral foi muito concorrido.

As nossas sentidas condolências à família enlutada.

Deolinda da Conceição Fonseca

Faleceu nesta vila, no dia 20 p. p., a Sr.ª Deolinda da Conceição Fonseca, de 68 anos, que era casada com o Sr. Joaquim Augusto Fonseca, nosso conterrâneo e amigo.

Era mãe das Sr.ªs Maria de Lourdes Conceição Fonseca e Silva, casada com o Sr. Manuel da Silva Furtado, residentes em Gondola-Moçambique, e Adelina da Conceição Fonseca, solteira, residente nesta vila; e dos Srs. Segismundo Conceição Fonseca, casado com a Sr.ª Maria Soledade David, moradores em Nampula-Moçambique, Manuel da Conceição, também residente em Nampula e casado com a Sr.ª Beatriz Almeida Castela, Armando da Conceição Fonseca, casado com a Sr.ª Maria dos Anjos Fonseca, e Joaquim da Conceição Fonseca, casado com a Sr.ª Judite Baptista das Dores Almeida, residentes nesta vila.

O funeral realizou-se no dia imediato para o cemitério local, com grande acompanhamento.

Sentidos pésames à família enlutada.

Se é deveras amigo da sua terra e deseja o seu progresso, leia e propague «O NORTE DO DISTRITO» que a defende acerrimamente.



EDITAL



EDITAL

Recenseamento Militar

José Abreu Nunes, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos, faz saber que:

— Todos os indivíduos que completem vinte (20) anos de idade no ano de 1957 são obrigados a fazer a respectiva declaração, durante o próximo mês de Janeiro, na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho ou da Administração do Bairro em que residirem; igual obrigação existe quanto a seus filhos, tutelados ou indivíduos sobre quem tenham acção directa, para os pais, tutores ou pessoas de que dependam os indivíduos que se encontrem naquelas condições de idade. A falta da declaração importa a aplicação da multa prevista no Regulamento dos Serviços de Recrutamento, independentemente das consequências que, pela mesma falta, possam advir para a situação militar dos indivíduos a recensear.

— Salvo manifesta impossibilidade, devem os indivíduos a recensear fazer a entrega, no acto da declaração, de duas fotografias actualizadas, com as dimensões das que se utilizam para os bilhetes de identidade.

— Os indivíduos em idade de recenseamento militar, que residam há mais de um ano em concelho ou bairro que não seja o da naturalidade, podem, querendo, requerer para serem inscritos no mapa de recenseamento respeitante ao concelho ou bairro da sua residência. O requerimento, a que devem juntar o atestado de residência (passado pela Junta de Freguesia, nos termos do Código Administrativo) e a certidão de nascimento narrativa (que pode ser substituída, para efeito de prova, pela apresentação do bilhete de identidade) será dirigido ao Chefe da Secretaria da Câmara Municipal ou ao Secretário da Administração do Bairro da residência e entregue durante o mês de Janeiro.

— Não é autorizada a transferência de recenseamento, em Lisboa e Porto, de um Bairro para outro da mesma cidade, não o sendo, igualmente, de qualquer concelho da área do D. R. M. 6 para a cidade do Porto.

— São obrigados ao serviço militar, por serem considerados cidadãos portugueses, ao abrigo do art.º 18.º do Código Civil, os filhos de pai português e os filhos ilegítimos de mãe portuguesa, nascidos em país estrangeiro que fixaram domicílio no território nacional.

— Aos mancebos com 20 anos de idade ou mais, omissos no recenseamento, cabe o direito de reclamarem perante as autoridades recenseadoras ou os Chefes dos Distritos de Recrutamento e Mobilização.

Paços do Concelho, 20 de Dezembro de 1956.

O Chefe da Secretaria,
José Abreu Nunes

Recenseamento Eleitoral

José Abreu Nunes, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos:

FAZ SABER, nos termos e para os efeitos do art.º 10.º da Lei n.º 2 015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1957 terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos Art.ºs 1.º e 2.º da citada Lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis:

1.º— Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português.

2.º— Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler nem escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional, imposto sobre a aplicação de capitais.

3.º— Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

a) — curso geral dos liceus;

b) — curso do magistério primário;

c) — curso das escolas de belas-artistas;

d) — curso do Conservatório Nacional ou Conservatório de Música do Porto;

e) — curso dos institutos industriais e comerciais.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º— Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia.

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art.º 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou a pública-forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a), ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art.º 13.º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º— Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º— Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º— Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º— Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º— Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º— Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º— Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º— Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em jornais deste concelho.

Paços do Concelho, 20 de Dezembro de 1956.

O Chefe da Secretaria,

José Abreu Nunes

"TENHO UMA CASA"

Sócio n.º 1755 desta Cooperativa vende a sua posição. Informa António Martinho, na Papelaria Académica — Figueiró dos Vinhos.

Jornada inesquecível para o Concelho

(Continuação da 1.ª página)

A propósito da inauguração do busto de Mestre Malhoa, o orador referiu-se ao facto de não ter sido Figueiró o berço do artista, afirmando que deve, no entanto, ser considerada, com inteira justiça, a sua terra adoptiva, porque nela viveu a maior parte da sua vida, nela buscou inspiração para as suas telas maravilhosas e nela, na sua vivenda «O Casulo», veio a morrer.

E acrescentou:

«O nascimento é um facto meramente natural e a permanência de Malhoa em Figueiró foi um acto voluntário que exprime o amor e a dedicação que tinha pela nossa vila. Assim, tanto ou mesmo mais do que as Caldas da Rainha, esta linda e nossa terra que o artista tanto amou e honrou devia à sua memória o tributo da maior veneração e da maior homenagem. E', pois, Srs. Subsecretários e meus Senhores, uma dívida de gratidão que vamos saldar, ao homenagear a memória do «Mestre».

O Sr. Dr. Alves Morgado, escutado com interesse crescente, frequentemente traduzido nas súbitas explosões de entusiásticos «apoiados», coroados por salvas de palmas, concluiu o seu vibrante discurso, declarando:

«Eis, Srs. Subsecretários e meus Senhores, a breve história das inaugurações a que VV. Ex.ªs vêm dar o brilho da ilustre presença. Se o seu significado material é importante — o seu custo ascendeu a cerca de 3 200 contos —, o significado social e cultural é mais importante, ainda, e não pode aferir-se pela indicação de simples números.

A nossa vila e o nosso concelho devem ao Governo do Estado Novo o maior reconhecimento e a maior gratidão, porque foi o auxílio por ele concedido que tornou possíveis, não só as obras que vamos inaugurar, mas todas aquelas que nos últimos anos vieram valorizar e engrandecer Figueiró dos Vinhos, e que constituem um conjunto apreciável de melhoramentos, como nunca, em qualquer outra época, foi aqui realizado. O bairro para as classes pobres, o abastecimento de água, as estradas municipais, as escolas do Plano dos Centenários, a reparação da Igreja da Misericórdia, a abertura da estrada de Arega, a reparação das estradas nacionais, tudo velhas aspirações, são agora realidades a atestar aos vindouros o esforço duma geração e o valor duma política.

Estamos confiados, temos fé em que novas obras hão-de surgir para que a nossa vila e o nosso concelho atinjam o grau de progresso e de engrandecimento que bem merecem e que nós, bem do coração, todos lhes desejamos. Para tanto, praza a Deus que em Portugal se continue a viver e a trabalhar em paz.

Nós temos confiança e temos fé porque acreditamos e sentimos profundamente a superioridade moral e mesmo intelectual dos nossos princípios e da nossa civilização cristã ocidental, mas esta civilização encontra-se ameaçada e, como, há poucos dias, disse Salazar, esta superioridade pode não ser suficiente para fazer recuar os bárbaros do nosso tempo e haja que lutar para sobreviver.

Confiamos na Providência, no patriotismo e na esclarecida visão dos nossos chefes, para que em Portugal se possa continuar a viver em ordem, em paz e progresso, e em justiça, sob a égide de Salazar, do estadista que é, sem dúvida, um dos maiores Portugueses de todos os tempos, que é o verdadeiro e grande apóstolo do ressurgimento nacional, sob a égide do homem que, dando-se inteiramente ao serviço da Pátria, a soube erguer, de novo, aos seus grandes, aos seus verdadeiros destinos».

Usou, então, da palavra o Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Sr. Dr. Ernesto Lacerda, que, depois de ter saudado os ilustres Membros do Governo pela honra da visita, disse:

«O Hospital da nossa Misericórdia encontrava-se instalado numa casa velha, com dificuldades de alojamento e falta de requisitos e condições indispensáveis em estabelecimentos deste género.

Por isso, era uma antiga e justa aspiração, não só da Mesa da Santa Casa, como também de toda a população do concelho, a de possuir um novo hospital, um novo edifício onde pudessem instalar-se convenientemente todos os serviços que careciam, também, de ser devidamente equipados.

Para alcançar este objectivo existia, porém, a grave dificuldade que resultava da falta de verba necessária para fazer face às comparticipações que se esperava fossem concedidas pelo Estado. A Misericórdia dispunha, apenas, de cerca de metade da verba necessária para fazer face à comparticipação do Estado na construção do edifício. Não dispunha de qualquer verba com que pudesse fazer face à comparticipação no encargo com o equipamento condigno dum estabelecimento hospitalar actualizado.

Para vencer a primeira dificuldade, dirigi-me ao Sr. Ministro do Interior, de quem recebi, desde logo, o maior encorajamento e estímulo, concedendo, escalonadamente, à medida que os trabalhos iam sendo executados, vários subsídios extraordinários que totalizaram mais de 350 contos.

Para vencer a segunda dificuldade, isto é a ausência total de fundos para

da sua presença, como sabemos que era seu desejo, e a V. Ex.ª, Sr. Subsecretário de Estado, que, neste sector da administração pública, está realizando uma obra tão humana e tão fecunda que se está impondo ao respeito e à gratidão dos Portugueses».

Estas palavras do Provedor da Misericórdia foram abafadas por uma estrepitosa e prolongada salva de palmas, entremeadas de «vivas». Refeito o silêncio, o Sr. Dr. Ernesto Lacerda prosseguiu:

«E', sem dúvida, uma obra que valoriza e engrandece a nossa terra, é um estabelecimento que está apto a prestar a necessária assistência de que careçam os doentes do nosso concelho.

Deve-se, em parte, ao bairrismo e à grandeza de alma dos Figueiroenses,

agradecimentos, nas suas ilustres pessoas saudando o Governo da Nação, «esse Governo a que preside o grande Chefe da Revolução Nacional, que tão alto tem erguido o nome de Portugal.»

Encerrou a sessão o Sr. Subsecretário da Assistência que agradeceu a carinhosa e fidalga recepção dispensada, falou da conjugação dos fundos do Estado com os das autarquias locais tendo em vista a prossecução dos melhoramentos necessários a satisfazer as legítimas aspirações dos povos, referiu-se à íntima ligação existente nos serviços de Educação e Assistência e teve palavras do mais franco elogio e admiração pelas qualidades e virtudes do povo desta região. A concluir o seu admirável improvisado, prestou calorosa homenagem ao Prof. Doutor Bissaya Barreto que agradeceu, sensibilizado, tão elogiosas palavras.

O primeiro edifício a ser inaugurado foi o do Hospital. O Sr. Subsecretário da Assistência deu a honra da cerimónia ao Sr. Subsecretário da Educação que procedeu à abertura da porta principal do edifício que, assim, foi considerado inaugurado.

Finda a visita às dependências, que a todos deixou a melhor das impressões, os presentes dirigiram-se ao Parque-Jardim, a fim de assistirem à inauguração do busto de Malhoa, que se encontrava coberto com a bandeira do Município.

O figueiroense, Sr. Dr. Fernando Lacerda, em nome da comissão promotora da homenagem ao «Mestre», agradeceu a representação do Governo no acto e a presença das autoridades e mais individualidades. A propósito da vida do grande artista em Figueiró, disse:

«Foi aqui que construiu o seu



Na sala de operações do Hospital

fazer face à aquisição do equipamento, confiámos, por um lado, no decidido apoio e compreensão de V. Ex.ª, Sr. Subsecretário de Estado da Assistência, e, por outro, na generosidade bem compreendida dos Figueiroenses, certos de que um movimento de simpatia e carinho, alicerçado nos melhores sentimentos de solidariedade para com os doentes e pobres do nosso concelho, acolheria a iniciativa.

E, de facto, a boa gente desta terra soube corresponder ao apelo que lhe foi dirigido, dando, assim, mais uma vez, um belo exemplo de amor e abnegação pelo próximo.

Ricos e pobres, irmanados nos mesmos sentimentos, contribuíram com os seus donativos, numa verdadeira cruzada de bem-fazer, vibrando em uníssono pelos que sofrem e pelos que precisam.

A todos aqueles que desta forma prestaram o seu contributo à realização desta obra, eu apresento, em meu nome pessoal e no da Mesa da Santa Casa, a expressão calorosa e sincera do nosso melhor agradecimento, prestando, ainda, a nossa sincera homenagem de gratidão às Ex.ªs Senhoras e gentis Meninas da nossa vila, que, com tanta dedicação, confeccionaram todas as roupas necessárias, colaborando, assim, por forma tão prestimosa e simpática, nesta obra.

Por um imperativo de justiça, devo destacar, ainda, os nomes de duas pessoas que, infelizmente, já se não encontram entre nós, como dos maiores amigos da Santa Casa da Misericórdia e do seu Hospital: um, o Dr. Manuel Simões Barreiros, que foi Presidente da Câmara Municipal e deixou um legado de 100 000\$00, o outro, o anterior Provedor, Joaquim de Araújo Lacerda Junior, que, além de ter sido o maior contribuinte da subscrição, dedicou a esta instituição a maior parte do seu tempo no último período da sua vida, embora com sacrifício da sua saúde, já bastante precária.»

Sempre escutado com o máximo interesse, o orador afirmou, mais adiante:

«O custo de toda a obra, incluindo o terreno, construção, equipamento e mobiliário, atingiu o montante de 1 750 contos.

Por diversas vezes tratei junto do Sr. Ministro do Interior e de V. Ex.ª, Sr. Subsecretário de Estado da Assistência, dos assuntos relacionados com o nosso Hospital. Fui sempre ouvido e atendido com a maior compreensão e interesse. Cumpro, por isso, um indeclinável dever, ao manifestar aqui a minha maior gratidão e a minha melhor homenagem a Sua Excelência o Ministro do Interior, a quem o País deve uma grande e profunda obra de assistência, lamentando que afazeres inadiáveis no Norte nos tenham privado da alegria e honra

mas, deve-se, principalmente, à acção do Governo.

A iniciativa local, conjugando-se com a acção governativa, deu os desejados frutos na bela obra que nós hoje podemos, com legítimo orgulho, contemplar.»

O orador referiu-se aos «Cortejos de Oferendas», admiráveis romagens de caridade em prol dos pobres e doentes, esclarecendo:

«Também a Mesa desta Santa Casa pensa na realização dessas admiráveis



O Prof. Doutor Bissaya agradece as elogiosas palavras do Sr. Subsecretário da Assistência

cruzadas para a futura manutenção do nosso Hospital, e, se não o fez agora, foi porque lançou mão duma subscrição pública para custear o encargo do equipamento e mobiliário deste Hospital, subscrição que bem pode considerar-se, como eu já disse, uma romagem de caridade, uma cruzada de bem.

Pensa, ainda, a Mesa da Misericórdia em conseguir que os seus Irmãos passem a contribuir, mensalmente, para a ajuda da manutenção deste Hospital. Por mim, declaro, desde já, que, a partir de 1 de Janeiro próximo, contribuirei com a importância mensal de 1 000\$00, destinada àquele fim.»

A numerosa assistência aplaudiu, prolongadamente, o Sr. Dr. Ernesto Lacerda, quando tornou pública a sua intenção de contribuir em tão larga medida para a manutenção do Hospital. E só depois dalguns momentos pôde concluir o seu brilhante discurso, reiterando aos Membros do Governo as melhores saudações e

«ninho de água» — o casulo de onde saíram algumas obras maravilhosas; foi aqui que conheceu as personagens que ilustram as suas telas; aqui sentiu nascer o amor religioso pela Luz e pelo Sol, que venerou; foi aqui que tomou contacto com a vida ingénua, simples e por vezes impregnada de paganismo do povo que tão intensamente conheceu e acarinhou, tornando-se cronista sem par da nossa vida rural.»

Referiu-se às soberbas telas executadas por Malhoa nesta região, lembrou a sua generosidade, citando o caso do legado da sua residência — «o Casulo» — à Sociedade Nacional de Belas-Artes, e sugeriu a compra daquele edifício para «pousada» dos artistas menos protegidos pela sorte.

Terminou a sua encantadora oração, lançando a ideia duma romagem de saudade ao busto do artista, no dia do aniversário da

sua morte e em que, além dos Figueiroenses seus admiradores e amigos, deveriam tomar parte os professores com os seus alunos.

Interminável palma de salvas se fez ouvir, premiando o trabalho do Sr. Dr. Fernando Lacerda. Então, Francisco dos Santos, do vizinho lugar da Lavandeira, desta freguesia, «modelo» de Malhoa, procedeu ao descerramento do busto que é uma obra notável do escultor António Duarte.

A inauguração do novo edifício da Escola Secundária Municipal foi o remate felicíssimo para tão grande dia de Figueiró e seu concelho.

Os Srs. Subsecretários e demais séquito eram aguardados, junto à escadaria de acesso à Escola, pela formação da M. P.; a porta principal do edifício estava emoldurada pelas alunas, alunos e seus professores. No vasto terreiro que acompanha a frontaria do grande edifício acumulavam-se centenas de pessoas.

Uma aluna da Escola Secundária fez entrega da chave ao Sr. Subsecretário da Educação que a passou às mãos do seu colega da Assistência, desta forma lhe retribuindo a deferência que para consigo tivera, quando da inauguração do Hospital.

O Sr. Dr. Melo e Castro abriu, então a porta principal do edifício, declarando-o inaugurado em nome do Governo da Nação. Os dois Subsecretários, seguidos pelas altas individualidades presentes e o director da escola, percorreram as salas de aulas e restantes dependências. Suas Ex.ªs manifestaram-se extremamente satisfeitos com as óptimas condições daquele estabelecimento de ensino e tiveram palavras de louvor para as decorações executadas pelos alunos nos quadros das aulas.

Na sala dos professores, o Sr. Subsecretário da Educação recebeu, depois, os cumprimentos do Sr. Director Escolar de Leiria e dos professores primários que estiveram presentes e pertenciam ao nosso concelho e aos de Pombal, Ansião, Alvaizere, Castanheira de Pera e Pedrógão Grande. Imediatamente a seguir e na mesma sala, recebeu o corpo docente da Escola, que o foi cumprimentar e com quem trocou ligeiras impressões.

Por fim, no amplo ginásio daquele estabelecimento de ensino, a Câmara ofereceu aos Membros do Governo e convidados um finíssimo e lauto copo d'água, em que tomaram parte cerca de duzentas pessoas.

Bem-fazer

A exemplo dos anos anteriores e na prática caridosa duma tradição de família, que se renova sempre por esta quadra, os nossos queridos amigos e conterrâneos, Srs. Drs. Ernesto Lacerda e Joaquim Alves Morgado, proprietário e director deste jornal, respectivamente, distribuíram ontem um valioso bodo a 40 pobres desta vila.

Cada um dos contemplados recebeu: 1 kg. de açúcar, 1 kg. de arroz, 1 kg. de bacalhau, 1 litro de azeite, meio alqueire de batatas, 200 gr. de café e um pão de quilo.

A Caridade, a mais bela das três virtudes teológicas, continua, pois, a florir nos corações dos figueiroenses, frutificando em benesses como estas que relatamos.